

# DAS PRATELEIRAS ÀS MÃOS

Rovilson José da Silva\*

Sueli Bortolin\*\*

**Resumo:** O artigo utiliza diálogos das principais personagens dos livros *O Meu Pé de Laranja Lima*, *O Menino Maluquinho* e do conto *Felicidade Clandestina*, para demonstrar a relação dessas personagens com a leitura e a literatura. Destaca que a leitura deve estar enquadrada num contexto social e cultural de maneira que possa levar a criança a entender o mundo. Aborda a leitura e a literatura no contexto escolar, destacando, em especial, a importância da convivência da criança com textos literários de forma a favorecer o seu desenvolvimento intelectual, cultural e social. Alerta que os mediadores de leitura, prioritariamente os familiares, os professores e bibliotecários, têm fundamental participação não apenas no estímulo à leitura, mas também na guarda e na manutenção do conceito de infância, antes que o mesmo desapareça.

**Palavras-Chave:** Leitura, literatura brasileira, escola-leitura.

## Introdução

Emília estava na sala de D. Benta, mexendo nos livros. Seu gosto era descobrir novidades – livros de figura. Mas como fosse muito pequenina, só alcançava os da prateleira de baixo. Para alcançar os da segunda, tinha de trepar numa cadeira. E os da terceira e quarta, esses ela via com os olhos e lambia com a testa. Por isso mesmo eram os que mais a interessavam. Sobretudo os enormes (LOBATO, 1982, p.7).

---

\*Professor do Ensino Fundamental e Médio, Coordenador do Projeto de Leitura da Rede Municipal de Ensino de Londrina, com Mestrado em Literatura e Ensino pela UEL. E-mail: rovilson@sercomtel.com.br

\*\*Bibliotecária, professora da UEL e UNIFIL, com Mestrado em Ciência da Informação pela UNESP/Marília. Endereço: Rua Comandante Rhuil, 260 – Jardim Califórnia – Londrina-PR – CEP: 86040-030. E-mail: bortolin@uel.br

A boneca Emília, diante das prateleiras da biblioteca de D. Benta, extasiava-se com a possibilidade de acesso aos livros, no entanto, encontrava dificuldades já na segunda prateleira, e as demais, nem alcançava. O fato de Emília não alcançar os livros das prateleiras mais altas, logo aqueles que mais lhe interessavam, nos transporta para a realidade da maioria das crianças brasileiras que vive à margem da leitura, literária ou não. Mais do que isso, além de nossas crianças não alcançarem a primeira prateleira, inúmeras vezes lhes é negado o acesso à leitura.

Nos referiremos aqui às prateleiras não no sentido de mobiliário, mas como uma metáfora das dificuldades de acesso da criança ao livro e à literatura, já que a grande parcela da sociedade brasileira, devido às condições culturais e socioeconômicas, não tem o livro como componente de seu orçamento familiar. Além disso, as bibliotecas públicas e as escolares (quando existem) ainda não são suficientes e nem equipadas para atender à demanda da população.

Assim, a leitura nem sempre é encarada como prioridade nas escolas e nos lares. O cidadão brasileiro, em geral, considera a leitura um “artigo de luxo”, destinado apenas àqueles que se encontram matriculados numa escola.

Isso deve ser considerado uma situação preocupante, pois ler é um direito que toda criança deve ter assegurado, uma vez que a leitura, principalmente a literária, contribui para o desenvolvimento e crescimento intelectual da mesma, conforme nos explicita Bamberger (1986, p.9) “o direito de ler significa igualmente o de desenvolver as potencialidades intelectuais e espirituais, o de aprender e progredir”.

Infelizmente, em nosso país, teoricamente, discute-se muito sobre democratização do livro e na democratização da leitura, mas na prática sabemos que ainda é necessário o desenvolvimento de projetos ininterruptos destinados à promoção da leitura e à formação de mediadores de leitura. Essa ação torna-se cada vez mais emergencial, pois Neil Postman (1999) alerta em seu livro *O Desaparecimento da Infância* que os meios de comunicação promovem a “desmontagem da infância” e que o conceito de infância está, cada vez mais, escapando de nosso controle. Como exemplo, podemos citar os programas de televisão, em especial as novelas, que expõem as crianças

a uma falsa espontaneidade, como se elas fossem adultos. Em alguns casos, as cenas ficam à beira da erotização precoce. Assim, “à medida que o conceito de infância diminui, os indicadores simbólicos da infância diminuem com ele” (POSTMAN, 1999, p. 142).

Portanto, o objetivo deste trabalho é o de alertar sobre essa situação, mas também, se apoderando de “falas” de algumas personagens, defender a necessidade de se preservar o imaginário e a fantasia da criança, por meio do acesso da criança à leitura e, conseqüentemente, à literatura.

### Leitura e literatura

A literatura é um dos componentes fundamentais no processo de desenvolvimento infantil, pois proporciona à criança resolver seus conflitos internos, além de estimular sua imaginação, contribuindo para que o lúdico esteja presente em sua vida cotidiana.

Neste artigo, estaremos focalizando três obras literárias diferentes que têm a criança leitora como epicentro da trama narrativa, a saber: *Meu Pé de Laranja Lima*, de José Mauro de Vasconcelos; *Felicidade Clandestina*, de Clarice Lispector e *O Menino Maluquinho*, de Ziraldo.

Nessas obras as personagens possuem uma relação intensa com a leitura e com a literatura. O cotidiano delas está impregnado de leitura quer seja oral ou escrita, embora essa última predomine nas narrativas.

Publicado no final da década de 60, *Meu Pé de Laranja Lima*, de José Mauro de Vasconcelos, apresenta um narrador em primeira pessoa, Zezé. Ele é um menino de cinco anos, “meio maluquinho”, inteligente, curioso, sensível, mas terrivelmente “endiabrado”; ainda que as travessuras que apronta sejam manifestações condizentes com o comportamento de uma criança de sua idade. Além disso, a família acaba por jogar sobre ele a ira decorrente da problemática do pai desempregado e conseqüentemente das dificuldades econômicas e afetivas pelas quais ela passa. Na verdade, Zezé é mais incompreendido que travesso.

O menino freqüentava a casa de seu tio, Edmundo. Um senhor aposentado que vivia lendo e a quem Zezé fazia as perguntas que

julgava mais difíceis. E também foi com ele, mesmo antes de entrar para a escola, que o menino aprendera a ler. A relação de tio e sobrinho é muito natural, sem preconceito de ambas as partes. Existia sim o prazer de ensinar, indicar a leitura sem cobrança alguma, aliado à expectativa de um menino que estava aberto para aprender com os livros.

Na verdade, Zezé, aprendera a ler aos cinco anos, o que causara susto em todos, inclusive em tio Edmundo que lhe dissera: “- Você vai longe, peralta. Não é à toa que você se chama José. Você verá, o sol, e as estrelas vão brilhar ao seu redor”.

O menino não entende o que o tio quer dizer e ele explica: “- Isto você não entende. É a história de José do Egito. Quando você crescer mais eu conto essa história”.

Na seqüência, o menino nos informa: “- Eu era doido por histórias. Quanto mais difíceis, mais eu gostava”.

E a urgência de Zezé para ouvir a história se materializa quando ele pergunta ao tio: “- A semana que vem, o senhor acha que eu já cresci?...”.

Zezé ilustra-nos o quanto o contato diário da criança com a leitura e com os leitores pode estimulá-la ao ato de ler, uma vez que todos nós necessitamos extravasar nosso imaginário. Nesse contexto, alertamos que a literatura é uma das maneiras de suprir essa necessidade, mais do que isso, segundo Candido (1972), ela tem a capacidade de confirmar a humanidade do homem.

O que permeia toda a trajetória do leitor ou de sua formação é o lúdico, o prazer que a leitura como um todo vai lhe proporcionar, ou seja, desde o contato tátil com o livro, com sua ilustração, até o texto escrito propriamente dito. Nos contatos iniciais da criança com o livro existe a necessidade de “materialização” do mesmo, e, nada mais concreto para a criança do que aquilo que ela pode manusear. Nessa perspectiva, encontramos num conto de Clarice Lispector, intitulado *Felicidade Clandestina*, narrado em primeira pessoa, o drama de uma criança leitora torturada por uma amiga (não-leitora e filha de dono de livraria) que lhe promete emprestar *Reinações de Narizinho*, de Monteiro Lobato, mas a cada dia lhe dá uma desculpa diferente para não emprestar o livro desejado. Até que um dia a mãe descobre as mentiras de sua

filha e empresta o livro à narradora, avisando que poderia ficar o tempo que quisesse com ele. Isso causa na leitora um deslumbramento que pode ser observado no trecho a seguir:

Ela era gorda, baixa, sardenta e de cabelos excessivamente crespos [...]. Mas possuía o que qualquer criança devoradora de histórias gostaria de ter: um pai dono de livraria. [...]. Até que veio para ela o magno dia de começar a exercer sobre mim uma tortura chinesa. Como casualmente, informou-me que possuía *Reinações de Narizinho*, de Monteiro Lobato (Ibidem, p. 52-53).

O drama vivido pela narradora não se difere muito das crianças brasileiras que, devido às dificuldades econômicas, por um lado, e à falta de bibliotecas públicas e escolares por outro, permanece sem ter acesso ao livro.

Na infância a criança necessita ter contato com a maior diversidade de obras, literárias ou não, uma vez que ela estará buscando encontrar a leitura que mais lhe apeteça. Assim, reafirmamos que a relação da criança com o livro passa, num primeiro momento, pela presença física do mesmo, até chegar ao texto escrito, como veremos a seguir na personagem de *Felicidade Clandestina* ao se referir à obra de Lobato: “Era um livro grosso, meu Deus, era um livro para se ficar vivendo com ele, comendo-o, dormindo-o. E completamente fora de minhas posses”.

“Chegando em casa, não comecei a ler. Fingia que não o tinha, só para depois ter o susto de o ter. Horas depois abri-o, li algumas linhas maravilhosas, fechei-o de novo, fui passear pela casa”.

Ao obter a obra emprestada, a narradora, em êxtase, inicia um “namoro” com o livro, como se fosse estratégia para prolongar o prazer que a leitura haveria de lhe dar.

A relação da criança com a leitura, como nos ilustra a personagem, deve ser pautada pelo prazer, pela descoberta, sem qualquer mácula de didatismo, pois a literatura é a expressão da vida, do próprio ser humano, construída de maneira artística, capaz de proporcionar ao leitor o estímulo à sensibilidade, à fruição estética, sem que haja qualquer indício de cobrança.

No entanto, a escola ainda tem dificuldade de trabalhar com essa gratuidade, pois quase sempre procura manipular o texto literário para utilizá-lo em prol de atividades conteudísticas da área de Língua portuguesa ou do discurso moralizante, na tentativa de inculcar normas e preceitos sociais às crianças, ou ainda, utilizar as histórias com fins totalmente dissonantes do aspecto artístico, de cunho essencialmente prático, ou seja, atividades do “fazer”.

Por estar ligada à essência humana, a literatura deve fazer parte de seu cotidiano como o banho, as refeições, etc., por exemplo, em *O Menino Maluquinho*, Ziraldo insere a literatura na vida de sua personagem de maneira corriqueira, cotidiana.

*O Menino Maluquinho* talvez tenha sido, depois das personagens de Lobato, a personagem mais conhecida da literatura infantil brasileira das últimas décadas do século XX. Ele é um misto de menino endiabrado e ao mesmo tempo adorável; de jogador de futebol a leitor de gibis e criador de versos. Nesta personagem, Ziraldo amplia a visão que se pode ter de gostos de infância, ou seja, a criança brinca, lê, brinca, estuda, cria, lê, etc. Sem estereótipos de um “CDF”, alheio ao mundo.

Sendo uma personagem de muita imaginação, vive em um mundo mágico e rico de aventuras. Assume diferentes papéis no decorrer de sua vida, entre eles: fantasma, inventor maluco, namorador, poeta, desenhista, astronauta e Sindbá o marujo; personagem este que ele faz questão de grifar no seu livro: “este aqui sou eu”, indicando o desejo do menino de ser um herói.

Assim como as demais personagens aqui apresentadas, o menino maluquinho também é leitor (lê o mundo, se lê e lê os textos). Isso graças ao contato diário com a leitura, em uma relação lúdica com o objeto livro, desvinculando o texto literário de atividades curriculares ou normativas. Enfim, encarar a leitura como atividade inerente à infância, são aos preceitos das três personagens, pois ouvir (ler) Zezé, a garota de *Felicidade Clandestina* e *O Menino Maluquinho* nos permite compreender como a leitura deve ser prazerosa para as crianças.

### **A leitura e a criança**

A criança, foco desse artigo, necessita de vivências e experiências culturais que favoreçam o seu desenvolvimento intelectual,

cultural e social; e é por meio do contato cultural que a criança se insere num contexto maior, compreende melhor o mundo e age sobre ele. Dentro do contexto cultural está a literatura, uma representação artística da trajetória humana que contribui para que a criança entenda o seu mundo interno e aos poucos consiga resolver suas angústias, desenvolvendo estruturas para enfrentar os desafios e conflitos que possam surgir em sua existência (BETTELHEIM, 1980, p. 11).

Freire (1995) e outros pesquisadores como Martins (1983), Silva (1986), Lajolo (1993) e Foucambert (1994), por exemplo, enquadram a leitura num contexto social, em que as vivências (leitura do mundo) antecipam a leitura do texto (leitura da palavra); ou seja, o “acervo pessoal” é o fator primordial para a compreensão do texto. Assim, ninguém mais do que o próprio leitor pode dizer qual é a sua interpretação do que foi lido.

A postura quantitativa e não qualitativa, que se prolifera com facilidade numa sociedade capitalista, deturpa a finalidade do ato de ler, pois a leitura é, acima de tudo, uma ação em que o indivíduo passa de uma atitude passiva (emissão/recepção) para um processo de co-autoria.

A idéia de leitura com via única (emissão/recepção) está ultrapassada. A leitura deve ser encarada como uma via dupla, de constante diálogo entre leitor/texto/autor, ou seja, um processo dinâmico, possibilitando concordâncias ou discordâncias, aproximação ou distanciamento, reverência ou aversão.

Essa percepção globalizante e complexa direciona o indivíduo, por menos estimulado que seja, a entrar num jogo, pondo de lado a sua realidade momentânea, e passa a viver, imaginativamente, todas as vicissitudes dos personagens da ficção. Dessa forma, aceita o mundo criado como um mundo possível para si (BORDINI e AGUIAR, 1988, p.14), em um envolvimento mágico, numa simbiose leitor-personagem-escritor. Esse embate profundo exercita não só a leitura, mas também o ato de refletir e de fazer escolhas no decorrer da vida.

### **A leitura e a escola**

A instituição escolar tem em sua essência uma atitude pedagógica e didática, ao inserir quaisquer conteúdos, artísticos ou não, dentro de

uma perspectiva que atenda os seus próprios anseios. A literatura, uma vez no âmbito escolar, também estará à mercê dessa perspectiva pedagógica. Mas é importante esclarecer que o enfoque pedagógico deve pertencer apenas aos procedimentos indicados para o desenvolvimento da literatura na escola e não, como geralmente acontece, de se buscar uma obra e pedagogizá-la, com intuito de ensinar a criança.

Para que a escola possa cumprir o seu papel de formadora de leitores necessita de estrutura física e humana adequadas, ou seja, que haja um projeto com diretrizes claras acerca do desenvolvimento da leitura e literatura na unidade escolar; que o corpo docente esteja minimamente fundamentado e seja frequentemente realimentado com estudos sobre a leitura e literatura; que a escola possua uma biblioteca com um acervo mínimo para que o projeto possa se desenvolver e para que a criança possa manuseá-lo de forma a explorá-lo em sua máxima capacidade, estimulando, assim, o contato da criança com as obras literárias. Sem a didatização ou a transformação do que foi lido em fichas, perguntas ou outras atividades inibidoras da espontaneidade e do aspecto prazeroso que a literatura deve proporcionar.

Porém, não adianta à escola apenas contar com a biblioteca e o acervo adequados se o corpo docente da unidade escolar não se envolve adequadamente com o projeto de promoção da leitura. Se o professor-regente ou o professor da Hora do Conto não possuírem conhecimento e fundamentação suficientes para o discernimento do que seja o texto literário e como ele se processa na vida dos alunos, dificilmente a literatura terá sucesso na escola.

Ter referência sobre a obra a ser indicada aos alunos ou selecionada para a biblioteca da escola requer do professor o conhecimento do caráter polissêmico, da linguagem simbólica, enfim, do artístico que compõe a obra literária; além de discernir entre a obra de cunho estético daquela de teor pedagógico, cuja função distorce a coerência interna da obra ou ainda não apresenta elementos que possibilitem ao leitor o contato com dilemas que podem ajudá-lo a resolver os seus próprios.

## Finalizando

Assim como Monteiro Lobato, acreditamos que é fundamental estreitar a convivência do leitor com o livro, pois ele é [...] “sobremesa: tem que ser posto debaixo do nariz do freguês, para provocar-lhe a gulodice” (AZEVEDO et al., 1997, p. 131). Em relação à criança, isso nos parece mais importante ainda, pois cabe aos mediadores de leitura, entre eles, familiares, professores e bibliotecários, provocar na mais tenra idade o “paladar”, ou seja, o gosto pela leitura.

Voltando à Emília e à prateleira do início deste texto, almejamos que a criança brasileira, quer seja em seu lar, na escola ou na biblioteca, encontre espaço e acervo que estejam acessíveis a ela para que possa ampliar a sua curiosidade e mitigar a sede de leitura. E também que as prateleiras não sejam tão altas para que todos alcancem os livros desejados.

A leitura deve fazer parte da vida de nossas crianças com a mesma paixão que possuía a narradora de *Felicidade Clandestina* e, ao mesmo tempo, com sua determinação e persistência que, a despeito das dificuldades encontradas, só se aquieta com o livro nas mãos.

É necessário que as escolas e as bibliotecas busquem concentrar pessoas comprometidas com a leitura e tenham como objetivo principal levar a criança, sem distinção ou preconceito, ao universo da leitura, como fazia tio Edmundo, de *Meu Pé de Laranja Lima*, a seu sobrinho Zezé.

E ainda que cada criança possa ver na leitura mais um brinquedo dentre os tantos existentes, como o Menino Maluquinho que, em seu cotidiano, tem a leitura, o fazer versos, como atividades tão “naturais”, “corriqueiras” como jogar futebol ou construir uma pipa.

Finalmente, lembramos que o engajamento em defesa da leitura tornou-se uma tarefa emergencial pois, na atualidade, carecemos de espaços dedicados à infância, nos quais possamos contribuir para a formação de leitores, respeitando o seu imaginário e a sua ludicidade.

Da mesma forma, acreditamos que seja necessário um posicionamento mais decisivo por parte dos mediadores de leitura e demais profissionais que trabalham com crianças, resistindo à

“desmontagem da infância”, por intermédio do seu fazer profissional consciente e competente.

### Referências

AZEVEDO, Carmem Lúcia de; CAMARGOS, Marcia; SACCHETTA, Vladimir. *Monteiro Lobato: furacão na botocúndia*. São Paulo: SENAC/SP, 1997.

BAMBERGER, Richard. *Como incentivar o hábito de leitura*. 2.ed. São Paulo: Ática, 1986.

BETTELHEIM, Bruno. *A Psicanálise dos contos de fadas*. 7.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

CANDIDO, Antônio. *A Literatura e a formação do homem*. São Paulo: Ciência e Cultura, 1972.

FOUCAMBERT, Jean. *A Leitura em questão*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três...* 31. ed. São Paulo: Cortez, 1995.

LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo: Ática, 1993.

LISPECTOR, Clarice. *O primeiro beijo & outros contos*. 11. ed. São Paulo: Ática, 1995.

LOBATO, Monteiro. *Dom Quixote das crianças*. 20. ed. São Paulo: Brasiliense, 1982.

MARTINS, Maria Helena. *O que é leitura*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

POSTMAN, Neil. *O desaparecimento da infância*. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. *Leitura na escola e na biblioteca*. Campinas: Papyrus, 1986.

VASCONCELOS, José Mauro de. *O meu pé de laranja lima*. 78. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1995.

ZIRALDO. *O menino maluquinho*. 26. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1988.

**Abstract:** The article uses dialogues of the main characters of the books – “O Meu Pé de Laranja Lima”, “O Menino Maluquinho” and of the short story “Felicidade Clandestina” to demonstrate the relationship between these characters and reading and literature. It points out that reading should be viewed in a social and cultural context in a way that it brings the child to understand the world. It deals with reading and literature in the school context, observing especially the importance of the close contact between the child and a literacy text so as to favor his or her intellectual, cultural and social development. It warns us that the mediators of reading, particularly family members teachers and librarians, have a fundamental participation not only in stimulating the child to read, but also in the preservation and protection of the concept of childhood before it disappears.

**Key words:** Reading, brazilian literature, school-reading.

